

# Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve<sup>1</sup>

Linguistic hybridity in scientific production:  
a case study in a research centre at the University of Algarve

ELISA CARUSO\*

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo linguístico, Competência multilingue, Multilinguismo na investigação, Inglês Língua Franca, Mobilidade.

KEYWORDS: Linguistic Hybridity, Multilingual Competence, Multilingualism in research, English Lingua Franca (ELF), Mobility.

## 1. Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o uso das línguas na produção científica num centro de investigação da Universidade do Algarve, entendendo-se aqui por produção científica o processo de aquisição de conhecimentos, de elaboração de apresentações, artigos, livros e a sua subsequente publicação. O centro estudado é o CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, um dos maiores centros de investigação da Universidade do Algarve, constituído por investigadores de origens linguísticas e académicas variadas.

O CIMA foi escolhido como sujeito de um estudo de caso precisamente por ter uma forte vertente internacional. O objetivo será, portanto, analisar o papel das línguas e como estas são geridas na produção científica, com particular atenção ao papel do inglês e ao desenvolvimento da competência multilingue.

A presença dominante da língua inglesa na ciência, hoje em dia dada por garantida, e a mobilidade dos investigadores, por um lado, favorecem o desenvolvimento da competência multilingue e, por outro lado, dão azo a formas de hibridismo que serão em seguida discutidas.

<sup>1</sup> The research leading to these results has received funding from the European Community's Seventh Framework Programme under grant agreement No. 613344 (Project MIME).

\* Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

## 2. Enquadramento teórico do hibridismo linguístico

O termo híbrido foi originariamente utilizado no âmbito da biologia, significando uma mistura entre animais ou plantas de diferentes raças ou tipos. Trata-se, portanto, de formar um novo tipo de planta ou animal a partir de dois tipos existentes, para que o novo tipo tenha algumas qualidades de cada um dos outros tipos. Em linguística, o termo «hibridismo» (derivado de híbrido) tem relacionamento com a sua conotação biológica e foi empregado a partir do século XIX para se referir à mistura entre línguas (Josiah, 2014, pp. 161-162). Durante os anos '70 do século passado, os estudos focalizaram-se sobretudo na formação de *pidgins* e crioulos (Whinnom 1971 citado em Klötzl, 2015, p. 48) e em 1975 saiu *Вопросы литературы и эстетики* (*Questões de Literatura e de Estética*) de Bakhtin em que o autor aprofundou o conceito de hibridismo linguístico, tirando-o da deriva racial que tinha tomado no século anterior e definindo-o como a mistura de duas ou mais línguas, um encontro entre duas ou mais consciências linguísticas. Passou-se, desta forma, de um fenómeno fisiológico e botânico a um fenómeno linguístico-cultural (Vaz, 2015). No seu ensaio de 1975, Bakhtin apresentou uma distinção fundamental entre dois tipos de hibridismos linguísticos e culturais: «hibridismo inconsciente» e «hibridismo intencional». O primeiro tipo de hibridismo linguístico envolve a evolução histórica de todas as línguas; que teriam mudado principalmente pela hibridação, por meio de uma mistura natural e inconsciente de várias línguas que coexistem dentro do mesmo espaço. O segundo distingue-se pela intenção estética que o caracteriza, isto é, um interesse em produzir um artefacto artístico, justapondo deliberadamente línguas diferentes no mesmo espaço semiótico, e surge no âmbito da literatura (fazendo lembrar o «híbrido artificial» da botânica, ou seja, o processo de cruzamento entre plantas diferentes, levado a cabo com auxílio do homem) (Vaz, 2015). Em particular, nesta última definição, Bakhtin fala num sistema artisticamente organizado de forma a pôr diferentes línguas em contato, sistema cujo propósito é a iluminação de uma língua por meio de outra, e é este aspeto que mais interessou o pensamento pós-colonial, como veremos (Vaz, 2015). Duma forma semelhante, também Young (1995) mais tarde afirmou que existe uma diferença entre um tipo de hibridismo em que o processo de mistura híbrida acontece de uma forma não consciente, isto é, um processo de criouliização, e um hibridismo movido consciente e politicamente para uma rutura com a homogeneidade.

Na conceção mais recente, na linguística o hibridismo invoca os conceitos de contato entre línguas, variação, mudança e mistura de línguas, focando-se

principalmente em fenómenos comunicativos como o *code-switching* e o *code-mixing* (Klötzl, 2015, p. 47) e como os empréstimos linguísticos, os estrangeirismos e a combinação entre elementos de línguas diferentes (Vaz, 2017, p. 96). Tratar-se-ia de uma espécie de mistura de formas linguísticas que se torna inevitável quando as línguas entram em contato, através da que é denominada de «hibridização linguística», isto é, o processo linguístico que facilita a comunicação transcultural numa sociedade multilingue (Josiah, 2014, p. 162).

Muitos teóricos pós-coloniais também usaram o termo hibridismo para se referir a novas formas, práticas, espaços e identidades culturais criadas a partir de uma síntese de diversos elementos (cf. Anzaldúa, 1987; Bhabha, 1994; Arteaga 1997). Arteaga (1997), por exemplo, sugere que o hibridismo linguístico promove identidades fluidas, favorecendo identidades, práticas e línguas híbridas como afirmações de heterogeneidade capazes de interromper discursos culturais hegemônicos. Tal como em horticultura o termo serve para indicar o cruzamento de duas espécies com o objetivo de criar uma terceira espécie, isto é, uma espécie híbrida, que nos estudos pós-coloniais refere-se à «creation of new transcultural forms within the contact zone produced by colonization», como definida por Ashcroft et al. (2001, p. 118). Bhabha (1994) definiu este espaço do hibridismo como um «espaço terceiro», em que significados e identidades culturais mantêm vestígios/traços de outros significados e outras identidades. Construções de hibridismo têm sido usadas para conceituar novas formas, práticas e identidades culturais criadas a partir de uma síntese de diversos elementos. Os estudos pós-coloniais, em particular, reforçaram os aspetos otimistas da noção e concentraram-se nas consequências positivas da mistura de línguas e culturas (Hornsby, 2009, p. 46).

Stenzel / Khoo (2016, pp. 77-89) sublinham mais o aspeto mutável do hibridismo linguístico. De acordo com estes autores, o uso do hibridismo linguístico reflete identidades complexas que são negociadas localmente em cada contexto; em vez de explicar a alternância de línguas – na qual os falantes negociam identidades separadas – através de uma divergência, os autores postulam uma solução híbrida representada por um ainda não reconhecido «gênero de fala multilíngue». E a importância do contexto na interação faria com que os repertórios linguísticos já não sejam associados a comunidades de falantes específicas e homogêneas, mas sejam entendidos como «ephemeral, unstable groups that form in the moment of interaction» (Stenzel / Khoo, 2016, p. 103).

O conceito de língua híbrida foi estudado particularmente em relação à língua inglesa, que se tem vindo a tornar numa língua que mantêm cada vez mais traços linguísticos e identidades culturais de falantes não nativos. Conforme os

dados de Graddol (1999), o número de falantes não nativos de inglês teria mais do que duplicado com respeito aos falantes nativos e o inglês tornar-se-ia – e já se tornou, passados 20 anos – numa língua usada principalmente em contextos multilingues como L2 (língua segunda) para a comunicação entre falantes não nativos. Santipolo (2016, p. 179) afirma que, sendo esta a situação, torna-se inevitável que os não nativos não tenham apenas o papel de *language users*, mas que acabem por ter, com sempre maior frequência, também o papel de *language rule modifiers* e até de *language rule makers*, isto é, o facto de a maior parte das interações em inglês envolver falantes não nativos tem um impacto relevante nas características da língua que é efetivamente produzida e utilizada.

É neste sentido, que segundo Canagarajah (2007), a hibridação linguística torna-se o exemplo de identidade linguística plural contemporânea. Ele afirma que nos estudos de SLA (Second Language Acquisition), a aprendizagem era geralmente entendida como a emulação de uma competência ideal dos falantes nativos, sendo a língua dos aprendizes uma língua não evoluída e limitada, mas os estudos em Língua Franca English (LFE) revelam que a aprendizagem e o uso de uma língua ocorrem através de estratégias performativas e negociações sociais em contextos comunicativos fluidos. O processo de aprendizagem é, portanto, considerado como um processo emergente, em que não existe um ponto final em que uma pessoa possa dominar todas as dimensões e as formas da comunicação e em que o indivíduo é redefinido como «*hybrid, fluid, and situated in a more socially embedded, ecologically sensitive, and interactionally open model*». Neste sentido, a competência multilingue é considerada como uma competência criativa e em contínua evolução. (Canagarajah, 2007, pp. 923-925).

Os falantes não nativos que utilizam o inglês como *lingua franca* (LFE) não estão localizados dentro de uma fronteira geográfica e utilizam outras línguas nas suas localidades, mas apesar desta heterogeneidade linguística-cultural e desta desconexão espacial, eles reconhecem uma série de atitudes, convenções e formas que garantem uma comunicação bem-sucedida em LFE quando interagem entre si (Canagarajah, 2007, p. 925). Canagarajah frisou que, exatamente por esta sua diversidade intrínseca, a língua inglesa como *lingua franca* se constrói em cada contexto específico de interação, em que a forma deste inglês – a gramática, a fonologia, a variação lexical, as convenções paragramáticas – é negociada mutuamente pelos falantes para atingir os seus objetivos comunicativos e para assegurar inteligibilidade. O autor afirma que «*to make matters more complicated, LFE's form is hybrid in nature. The language features words, grammatical patterns, and discourse conventions from diverse languages and English varieties that speakers bring to the interaction*».

No mesmo sentido, Planken (2005) notou que os interlocutores criam uma espécie de «third space» entre as suas línguas e culturas de origens para ativar práticas flexíveis aptas a negociar e facilitar a comunicação em língua inglesa. Cria-se, neste sentido, uma forma híbrida do inglês que habita um terceiro espaço. A competência dos falantes em falarem o inglês como *lingua franca* é, portanto, uma competência que surge do contacto entre línguas e de códigos híbridos e que deriva dos conhecimentos das suas línguas locais. O multilinguismo é, assim, construído à base da identidade híbrida da comunidade de falantes e das suas competências linguísticas.

Como visto até aqui o conceito de hibridismo linguístico, partindo de um termo da biologia, tem sido estudado e elaborado, por vários autores, tendo uma particular importância nas duas últimas décadas o papel que a língua inglesa desempenha como *lingua franca*. Duma forma muito geral, o hibridismo linguístico é entendido aqui como o processo de mistura que acontece no contacto entre línguas diferentes. No que diz respeito à situação dos investigadores universitários, trata-se de um contacto linguístico peculiar, pois a língua inglesa, utilizada como língua da produção científica, entra em contacto com as línguas dos repertórios linguísticos dos investigadores. Para este estudo, portanto, o aspeto do hibridismo linguístico que mais interessa é a influência e os vestígios da existência de várias identidades linguísticas e culturais que se podem manifestar, neste caso, no inglês utilizado na produção científica.

### 3. Estudo de caso

O estudo de caso apresentado neste artigo faz parte de quatro estudos de caso constituintes de uma tese de doutoramento em Ciências da Linguagem sobre a competência multilingue no ensino superior e quer, especificamente, analisar qual o papel das línguas na produção científica, se se pode falar em hibridismo linguístico e quais as práticas multilingues que possivelmente levam a um desenvolvimento da competência multilingue.

#### 3.1. Contexto

Analisando os dados publicados no *site* do CIMA,<sup>2</sup> os 573 artigos publicados pelos membros do CIMA desde 2008 até 2017 estão todos em

<sup>2</sup> <http://www.cima.ualg.pt/cimaualg/index.php/pt/investigacao/publications>.

inglês, existindo um uso total da língua inglesa no que diz respeito à publicação científica, como será verificado também nos dados recolhidos, através das respostas dadas no questionário e através das conversas havidas nas entrevistas.

No entanto, os investigadores deste centro de investigação têm origens linguísticas muito diversificadas. O universo dos investigadores que preencheu o questionário contou com 25 respondentes, 15 pertencentes à Universidade do Algarve e 10 em mobilidade, pertencentes a três outras universidades portuguesas, três universidades espanholas, duas gregas, uma canadiana e uma cingalesa. Contudo, se se compararem estes dados com os dados mais à frente apresentados sobre as L1 (Línguas 1) dos respondentes, nota-se que o confronto L1/universidade de origem nem sempre encontra uma correspondência. De facto, de 5 respondentes com o grego como L1, apenas duas pertencem a uma universidade grega, assim como contra os 15 que afirmaram ter português como L1, são 18 os que pertencem a universidades portuguesas. A mobilidade mostra-se mais complexa do que a simples correspondência entre local/L1 portuguesa ou mobilidade/L1 estrangeira e a pessoa em mobilidade não é apenas concebida como uma pessoa que faz um período de investigação no estrangeiro, pois as formas de mobilidade são várias.

As respostas à pergunta sobre a posição académica atual podem elucidar a distribuição das posições ocupadas dentro do centro de investigação (6 investigadores, 6 pós-doutoramento, 5 doutoramento, 4 mestrado, 3 professores adjuntos/associados e um professor catedrático), havendo uma alta percentagem de investigadores de pós-doutoramento e doutoramento.

Foi também recolhida informação sobre os repertórios linguísticos dos investigadores que responderam ao questionário (Figura 1) e os critérios inspiraram-se nas etiquetas propostas por Gazzola / Grin / Vaillancourt (2016, p. 8).

Na Figura 1 pode ver-se que as L1 dos respondentes são bastante variadas, sendo na maioria línguas europeias, mas também uma delas asiática. Vê-se também que as respostas excedem o número de respondentes (28 em comparação a 25); isto deve-se ao facto de três respondentes terem afirmado ter duas L1, nomeadamente dois afirmaram ter espanhol e galego, e um português e francês. Se considerássemos o questionário representativo da totalidade dos investigadores, poderíamos dizer que pouco mais de metade dos investigadores têm o português como L1. Os restantes têm outras línguas, dentro das quais muitas línguas românicas (espanhol, galego, francês e italiano), mas também outras línguas como o grego, o russo e o cingalês (neste caso todas pertencentes à família indo-europeia). Vê-se também que quase todos (exceto um

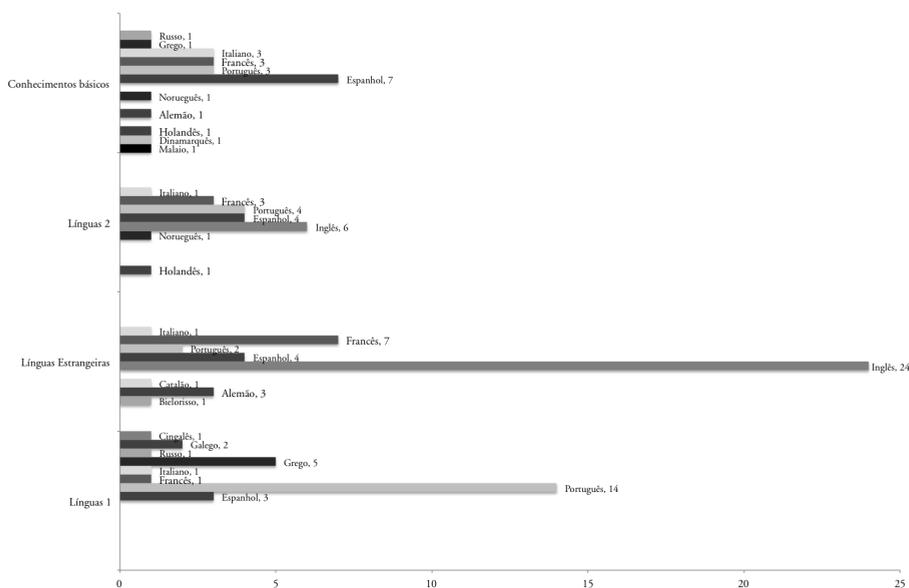


Figura 1: Repertórios linguísticos dos respondentes.

respondente) afirmaram ter estudado a língua inglesa e ter alcançado um nível intermédio ou avançado. Onze respondentes afirmaram não ter a língua portuguesa como L1, mas é interessante notar que apenas dois respondentes afirmaram ter estudado português a um nível intermédio ou avançado, o que representa uma percentagem baixa, e 4 respondentes afirmaram ter aprendido a língua portuguesa num contexto de imersão.

No seu conjunto, trata-se de um repertório coletivo linguístico bastante amplo e diversificado. A diversificação linguística dos repertórios linguísticos dos investigadores, e, em particular os conhecimentos nas L2 e os conhecimentos básicos, devem-se também à mobilidade que tiveram durante os seus estudos universitários e que decorreu dos seus contratos de investigação, como afirmaram nas entrevistas.

### 3.2. Metodologia

A metodologia usada para analisar este estudo de caso previu a submissão de um questionário e a realização de entrevistas pessoais. O questionário foi enviado aos membros do CIMA em maio de 2017 e as entrevistas foram feitas nos meses de junho e julho de 2017.

O questionário foi enviado a todos os membros do CIMA, com a possibilidade de escolherem entre a versão portuguesa e a versão inglesa. O questionário teve 40 itens e visou recolher informação sobre dados linguísticos variados. Por um lado, interessava conhecer os repertórios linguísticos dos membros do CIMA; por outro lado, interessava perceber como esses repertórios são geridos por eles e como se conjugam com a sua produção científica: as perguntas visaram recolher informação sobre as suas histórias linguístico-académicas, as línguas usadas no ensino e na investigação e o eventual uso da competência multilingue e as dificuldades relacionadas; e, por fim, visaram apreender as percepções dos respondentes sobre o papel das línguas na investigação, na mobilidade e na inclusão.

Através dos contactos deixados, foram contactados os respondentes que tinham indicado disponibilidade e fizeram-se as entrevistas. Os entrevistados foram 6 e as entrevistas foram semi-estruturadas, isto é, um guião com os tópicos principais foi elaborado e serviu para guiar as perguntas aos entrevistados, mas foi-lhes deixado também muito espaço de conversa. Todas as entrevistas foram gravadas com a devida autorização e foram posteriormente transcritas. Através da análise das transcrições foram criados padrões de temas comuns.

### 3.3. Resultados e discussão

#### 3.3.1. Questionário

O questionário constava de 40 itens, mas serão mostrados aqui, por questões de espaço, só os mais significativos para o tema deste artigo (ver Tabela

---

Em que língua foram lecionados os cursos que frequentou durante os seus estudos universitários e em que percentagem aproximativa?<sup>1</sup>

---

Em que língua são os materiais úteis à sua investigação (livros, revistas científicas, sites web) e em que percentagem?

---

Que línguas são usadas nas conferências nacionais ou internacionais em que participa e em que percentagem?

---

Em que língua são os materiais da sua própria produção científica (artigos, conferências, livros) e em que percentagem?

---

Tabela 1: Perguntas do questionário sobre a formação académica e as línguas da produção científica.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> São aqui traspostas só as perguntas da versão portuguesa do questionário por questões de espaço.

Achou-se interessante fazer uma comparação entre as respostas a estes quatro perguntas do questionário para assim se obter uma visão global, e de certa forma cronológica, sobre as línguas da formação académica dos respondentes e as línguas que utilizam atualmente para a sua investigação, as leituras bibliográficas que lhes são necessárias e as línguas que utilizam nas conferências e na produção científica escrita. Os dados obtidos foram elaborados na Figura 2.

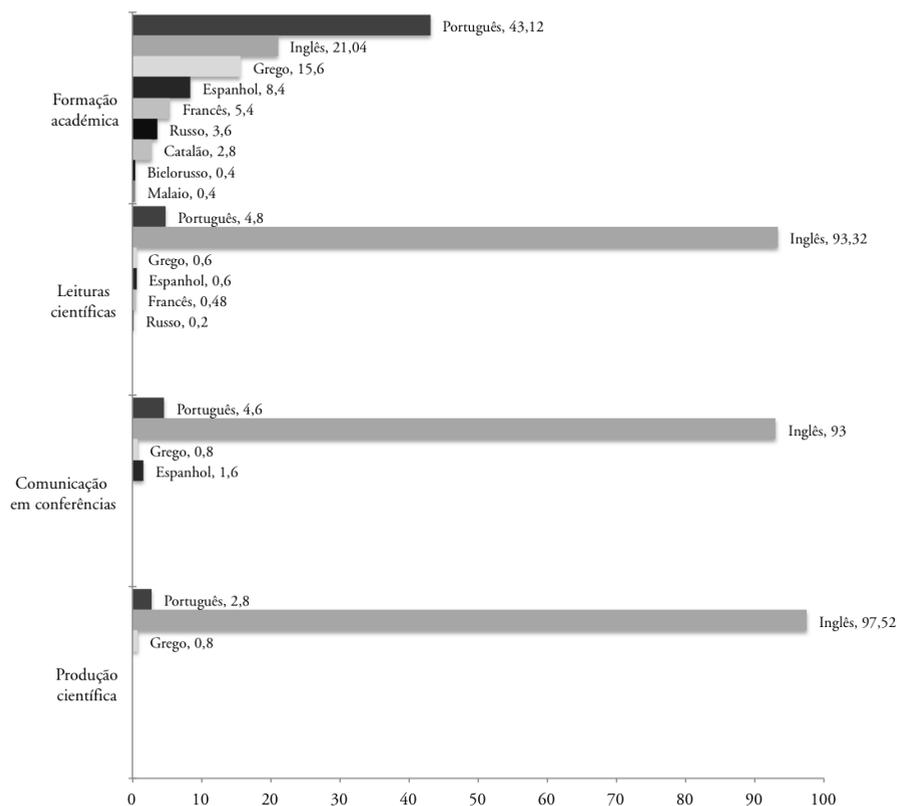


Figura 2: Comparação entre as línguas da formação académica e as línguas da produção científica.

A Figura 2 foi elaborada calculando a média das percentagens fornecidas pelos respondentes. Segundo as suas declarações, 43,16% da formação académica deste grupo de investigadores foi feita em português, seguida por 21,04% em inglês, referindo-se neste caso, como foi explicitado nas respostas, sobretudo aos cursos de mestrado e doutoramento. A taxa de 15,6% corresponde à formação em grego, havendo uma percentagem relativamente alta de

investigadores gregos entre os respondentes (20% do total). Em percentagens menores houve formação em espanhol (7,4%), francês (5,4%), russo (3,6%) e catalão (2,8%), com percentagens mínimas em bielorrusso e malaio (0,4%). Contudo, pode ver-se que o português, presente em média em 43,16% da formação académica dos respondentes, apenas está presente em 4,8% no que diz respeito às suas atuais leituras científicas e em 4,6% da comunicação em conferências, provavelmente nacionais, chegando a apenas 2,8% da produção científica escrita. No entanto, o inglês, presente na sua formação académica com uma média de 21,04%, tem uma subida percentual de cerca de 72% nas leituras e nas conferências e de mais 4,2 pontos percentuais na produção científica escrita, atingindo 97,52%, ou seja, a quase totalidade. Em relação à língua grega, esta fez parte da formação dos respondentes numa média de 15,6%, estando presente em 0,6% nas leituras e em 0,8% tanto nas conferências como na produção escrita. Quanto às línguas espanhola, francesa e russa, presentes na formação académica com médias percentuais de 7,4, 5,4 e 3,6, essas ainda se verificam com médias mínimas nas leituras científicas (0,6, 0,48 e 0,2), mas desaparecem completamente na produção científica, estando o espanhol ainda presente nas conferências com uma percentagem de 1,6. O catalão, o bielorrusso e o malaio apenas aparecem na formação académica em percentagens baixas (2,8 o primeiro e 0,4 os outros dois) e desaparecem nas leituras e na produção.

Julgou-se relevante fazer esta comparação para poder refletir acerca do uso de termos científicos e da redação em língua inglesa. Supostamente os investigadores aprenderam os termos científicos respeitantes às suas áreas de estudo nas línguas em que tiveram a sua formação académica, que como vimos compreende 9 línguas no total, mesmo que com percentagens diferentes. No entanto, a sua atividade científica desenvolve-se principalmente em língua inglesa, quer no que diz respeito às leituras, quer, sobretudo, quanto à comunicação em conferências e à produção de artigos, livros ou outro tipo de material, o que deve ter requerido também a aquisição da terminologia adequada na língua inglesa. Como comentado nas entrevistas que iremos averiguar, a utilização dos termos em inglês é difundida também em contextos em que a comunicação decorre noutras línguas, como as aulas, as reuniões ou as conferências, e os investigadores assumiram ter tido uma aprendizagem da terminologia e do processo de escrita em língua inglesa ao longo da sua investigação.

Como afirmado pelos investigadores deste estudo de caso nas entrevistas, e como discutido em vários autores (Phillipson, 2009; Tonkin, 2011; Mazak / Herbas-Donoso, 2015), o papel que a língua inglesa desempenha atualmente

é o papel de língua da ciência, devido ao impacto do índice de publicação que requer que a maior parte da produção internacional seja em língua inglesa. Os investigadores têm, portanto, de produzir artigos e livros numa língua que não é a sua L1 e, por isso, quis-se saber, com a questão seguinte, qual o processo linguístico de escrita na produção científica dos investigadores entrevistados, tendo em consideração que na maioria dos casos utilizam uma língua que não é a sua L1.

- Na sua produção científica, quando tem de escrever numa língua que não é a sua língua materna, que técnicas utiliza? (apenas se aplicável)

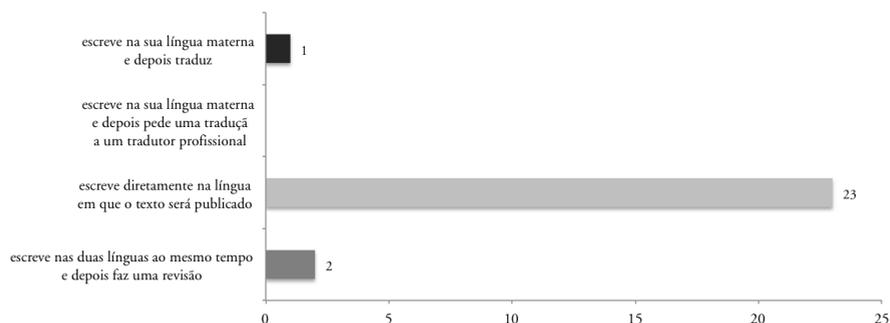


Figura 3: Métodos de escrita na produção científica.

As respostas a esta pergunta apontam claramente para um hábito comum entre os investigadores em escreverem diretamente na língua de publicação, que, como vimos pelas respostas anteriores, é principalmente o inglês. Só dois respondentes deram uma resposta diferente, afirmando escrever nas duas línguas ao mesmo tempo e depois fazer uma revisão, ao qual um dos dois respondentes adicionou também a primeira opção, ou seja, escrever na sua língua materna e depois traduzir. As L1 destes dois últimos respondentes são respetivamente o grego e o espanhol.

A próxima pergunta<sup>4</sup> está relacionada com esta última pergunta e não tinha obrigatoriedade de resposta, prevendo a possibilidade de existirem investigadores que escrevessem na sua L1, como por exemplo investigadores anglófonos ou investigadores que publicam na sua L1, por qualquer razão. Contudo,

<sup>4</sup> Todas as respostas nas tabelas seguintes são copiadas das respostas originais dadas pelos respondentes, na língua em que eles as escreveram, e incluem os possíveis erros gramaticais e ortográficos.

não responderam o investigador italiano e o cingalês; por isso o total das respostas apresentadas na Tabela 2 é 23.

- Em que medida acha que o facto de não produzir na sua língua materna pode influenciar a sua produção científica? (apenas se isto acontece) Justifique, por favor, a sua resposta

Uma grande parte dos respondentes (10) posicionou-se no meio, 8 respondentes afirmaram que o facto de não escreverem na sua L1 é positivo (entre 4 e 5) e 5 que isto tem sido negativo. Através das respostas dadas podemos identificar três grupos:

- os que assumiram ter tido problemas pelo facto de não escreverem na sua L1;
- os que assumiram que isto não tem influência na sua escrita;
- os que sublinharam a importância de escrever em inglês no âmbito da comunidade científica.

Entre os que encontraram problemas é sublinhado que estes problemas podem afetar a produção científica e que a recorrente escrita em inglês constituiu um processo de autoaprendizagem, pois o seu domínio desta língua melhorou com a prática. Foram mencionadas dificuldades em adquirir a terminologia e o vocabulário adequados à área de estudo. Foi frisado também que, se a escrita fosse nas suas L1, seria mais fluente e seria mais fácil o processo; neste sentido, é também dito que os anglófonos têm vantagem por esta mesma razão. Além disso, é mencionada a dificuldade na própria L1 como consequência do uso do inglês, que será também muito discutida nas entrevistas. O grupo que assumiu que escrever numa língua diferente da sua L1 não tem influência nem positiva nem negativa justifica a sua resposta afirmando que isto se deve ao facto do seu inglês ser bom e ser já um hábito utilizá-lo. Por fim, o último grupo sublinhou que escrever em inglês facilita a divulgação dos resultados na comunidade científica internacional e que a língua inglesa é considerada a língua da ciência. Não existe, portanto, uma transição da própria L1 para a língua inglesa, pois tudo é feito diretamente em inglês.

Nas respostas dadas em inglês, notam-se alguns desvios sintáticos das normas *standard*, como a falta do sujeito em «i.e. will not affect me at all» ou a falta do plural e a presença de uma preposição desnecessária em «for English speakers have an advantage over non-English speaker».

Estes desvios da norma padrão do inglês, e os encontrados nas respostas e nos excertos a seguir, mostram que efetivamente o inglês utilizado pelos investigadores deste universo distancia-se do inglês *standard* e pode ser considerado

Opções de resposta		Exemplos dados	
negativamente	Número de respostas	1	
<input type="checkbox"/> 1			<ul style="list-style-type: none"> <li>Nesta altura considero que consigo escrever relativamente fluentemente em inglês, embora a língua materna seja o português; mas claro que para alguém com o inglês como língua materna será sempre mais fácil.</li> </ul>
<input type="checkbox"/> 2		4	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvoltura na escrita</li> <li>poderia tornar minha escrita mais fluida em PT</li> <li>Se as publicações foram em espanhol, seria muito mais fácil para mim</li> <li>Não influencia porque o meu inglês é bom.</li> <li>as frases são mais simples mas falta vocabulário</li> <li>Menor fluidez</li> <li>I chose neutrally (i.e. will not affect me at all) because scientific production in English is not something new to me. For Greek people this is very common and English is considered the language of science.</li> <li>NO INFLUENCE</li> <li>Not sure I understand the question. I believe that for English speakers have an advantage over non-English speaker when writing papers</li> </ul>
<input type="checkbox"/> 3		10	
<input type="checkbox"/> 4		4	<ul style="list-style-type: none"> <li>A escrita seria mais fluente e consequentemente a produção seria maior.</li> <li>It was negatively influencing my productivity and competency at the beginning of my Master studies. I practised a lot in trying to learn and adapt english terminology in my studying and required projects. I am now, after two years, more familiar (and prone) to use the English language in my scientific conversations and reports. In fact, I have more difficulties expressing myself in my mother language at the moment.</li> <li>O inglês é a língua instituída para a produção científica. Ao escrever diretamente em inglês permite uma maior eficiência</li> </ul>
positivamente		4	<ul style="list-style-type: none"> <li>comunicação com a comunidade científica internacional</li> <li>Maior divulgação dos resultados da investigação</li> <li>the outreach of research in english is significantly higher than any other language</li> </ul>
			Média = 3,26

Tabela 2: Influência na produção científica da escrita numa língua não L1.

como um inglês híbrido. O que é interessante observar nas opiniões dadas nas respostas é o facto de alguns investigadores afirmarem que o seu inglês é bom ou fluente. Neste sentido, não parece haver uma consciência sobre a influência que as línguas dos seus repertórios linguísticos podem ter no uso da língua inglesa.

A próxima pergunta visou obter informações sobre as opiniões dos investigadores quanto ao conhecimento de línguas na investigação (Tabela 3).

- O facto de conhecer mais do que uma língua é necessário para a sua investigação? Porquê?

A expressão «conhecer mais do que uma língua» foi interpretada pelos respondentes em duas formas diferentes. Por um lado, foi entendido como o conhecimento da própria L1 e o inglês e por outro lado como o conhecimento da própria L1 e do inglês mais outra língua qualquer. Contudo, a maioria dos investigadores (15) respondeu afirmativamente, 6 mostraram indecisão, dando como resposta «talvez» e 4 responderam negativamente. Entre os que deram uma resposta negativa, apenas um justificou a sua resposta, afirmando que o inglês é suficiente. Esta resposta pode ser representativa deste subgrupo de respondentes que, provavelmente, interpretaram a pergunta no sentido de conhecer outras línguas além da língua inglesa.

Entre as respostas afirmativa e as do «talvez», as razões dadas são o facto de estar tudo em inglês em contexto científico: a literatura, o estado da arte, os manuais de equipamento e as publicações; além disso, é também referido que o inglês é essencial e é a língua universal em âmbito científico. No entanto, os que mencionaram também outras línguas (português, francês, espanhol, italiano e alemão) forneceram principalmente duas razões pelas quais o seu conhecimento pode ser uma vantagem: por um lado, permite o acesso a documentos, outras fontes de literatura e de pesquisa no campo em outras línguas que não sejam o inglês e, por outro lado, pode ajudar a fortalecer relações, colaborações e parcerias com colegas de outros países.

Também neste caso, notam-se desvios do inglês *standard*: falhas ortográficas em *sufices* e *almos* e o uso de *many* seguido por um substantivo singular, em que o uso *standard* teria preferido outras formas como *a lot of*.

Exemplos dados	
Opções de resposta	Número de respostas
Sim	15
Não	4
Talvez	6

- Outreaching
- É tudo em inglês.
- O inglês é essencial. Depois conforme a área de estudo há documentos escritos em línguas diferentes que podem ser úteis, como aqueles escritos em português, francês, espanhol, italiano, etc. Em reuniões internacionais, o saber falar outras línguas alem do inglês, e.g. francês, espanhol, italiano, permite fortalecer relações /parcerias com colegas desses países.
- Porque sou Portuguesa.
- Grande parte da bibliografia é em Inglês
- É importante pois praticamente esta tudo em Inglês
- PT é minha língua materna, EN é a língua dominante na oceanografia. Publicações só serão lidas se forem em EN.
- porque gera a abertura de mente, porque todas as publicações importantes são em Inglês e aqui em Portugal ou em Espanha ou na América Latina falamos outras línguas, por isso, precisamos saber mais.
- Estado da arte e manuais de equipamentos com que opero são essencialmente em inglês
- O meio científico usa como o inglês como linguagem universal.
- To better explain myself
- Many literature from different countries and field work involved
- ENGLISH
- my mother tongue is Greek, therefore to communicate it is necessary to peak foreign languages as well
- English sufices
- Pode ajudar na obtenção de outras fontes de literatura e conversas com outros investigadores na sua língua materna
- ajuda nas interações e colaborações
- I am in contact with german institutes where the german language is also widely used.
- It is an advantage but almos 100% of the important literature is in English

Tabela 3: Conhecimentos de mais línguas para a investigação.

### 3.3.2. Entrevistas

Os investigadores que se disponibilizaram para ser entrevistados foram novamente contactados e foram feitas 6 entrevistas com uma duração média de 30 minutos. Os entrevistados foram três portuguesas, uma espanhola (de Galícia), um italiano e um grego. Os entrevistados serão em seguida identificados como PT1, PT2, PT3, ES, IT e GR. Com as três investigadoras portuguesas entrevistadas utilizou-se o português como língua para a entrevista, com o italiano a língua italiana e com a espanhola e o grego o espanhol, pela sua preferência em comunicar em espanhol em vez de português. Com o investigador grego também foi considerado o uso da língua inglesa, mas no fim optou-se pelo espanhol.

As áreas de investigação dos investigadores entrevistados são diversas, ainda que todas relacionadas com o campo de estudo mais abrangente da investigação marinha e ambiental.

Sendo uma das perguntas sobre quais são as línguas da produção científica dos entrevistados, uma tendência de resposta que se nota logo é o uso da língua inglesa como meio de produção científica, quer escrita, nas publicações e nas candidaturas a projetos, quer oral, nos congressos. Os excertos das entrevistas, apresentados na Tabela 4, mostram a preponderância do uso da língua inglesa na produção escrita e o seu uso quase totalmente exclusivo.

As razões dadas para o uso da língua inglesa, quer nos congressos internacionais, quer nos congressos nacionais, são principalmente duas: por um lado os investigadores afirmaram que o inglês é usado para facilitar a compreensão, para que todos possam perceber, dando assim por assumido o conhecimento da língua inglesa por todos; por outro lado, dois deles (PT2 e GR) disseram utilizar o inglês por ser mais fácil do que utilizar a própria L1, o português num caso e o grego no outro caso. É interessante notar o papel que desempenham «os ingleses» no discurso do investigador grego: eles não só colaboram e contribuem, mas também têm o papel de corretores e revisores. Segundo Ammon (2006 citado em Hamel, 2007, p. 68) a vantagem para os investigadores anglófonos nativos, reflete-se também na aceitação das suas propostas de publicações por serem mais capazes de formular os seus artigos nos estilos de discurso convencionais tradicionais na língua inglesa. Além disso, Hamel (2007, p. 65) interrogou-se sobre em que medida o atual processo de difusão do inglês na ciência implica a imposição de estruturas discursivas específicas do modelo científico anglo-saxónico e de modelos culturais relacionados, paradigmas de investigação e seleção de tópicos.

PT 1	<p>«Sim maioritariamente toda a produção científica que existe na minha área é em inglês ler em inglês escrever em inglês publicar em inglês»</p> <p>«Não basicamente é o inglês o inglês é fundamental na ciência o inglês é fundamental falado escrito parte da comunicação principalmente nos congressos»</p> <p>«por isso essas são mais internacionais depois há um ou outro congresso mais nacional, mas mesmo assim ou ibérico, mas mesmo nesses a maior parte das vezes é a língua é o inglês»</p> <p>«Sim há a opção de publicar em espanhol em português e em inglês mas a maior parte das pessoas opta pelo inglês porque basta haver duas ou três pessoas que não falam português ou espanhol enquanto o inglês toda a gente uns com mais facilidades outros com menos toda a gente domina»</p>
PT 2	<p>«Tudo em inglês e escrevo tudo em inglês»</p> <p>«É tudo inglês sim não tenho nada em português»</p> <p>«Só se me obrigarem a escrever português é que eu escrevo em português se derem a opção inglês ou português escrevo em inglês mas geralmente sim os congressos a que vou é tudo em inglês mesmo quando são em Portugal é tudo em inglês (ri-se)»</p>
PT 3	<p>«Poucos documentos poucos relatórios que são quase todos relatórios ou teses são quase todos em inglês»</p>
GR	<p>«he hecho muy pocas cosas en congresos en Grecia y en España (...) siempre era con gente que no hablaban griego o por ejemplo entonces (¿) todo en inglés entonces si presentaban algo por cordialidad lo ponían en inglés para que lo podían leer y después lo presentaban en inglés muchas veces la presentación era en griego pero la la el <i>paper</i> o lo que presentamos en congresos era en en inglés lo mismo pasa ahora por ejemplo voy a un par de congresos en España pero si es con un trabajo de aquí lo escribo a inglés»</p> <p>«Sí tengo algunos contactos pero normalmente en congreso en Grecia no voy y / y si voy también escribo en inglés porque es más fácil»</p> <p>«ahora había un congreso pequeño en portugués de morfología costera y yo estaba dentro de un de una presentación y que se hizo en inglés porque había gente que era inglesa no solo por mí pero gente que ingleses que estaban colaborando en el corregir todo estaban todo en inglés para que los ingleses puedan ver y corregir y contribuir entonces incluso en Portugal en congresos portugueses presentamos en inglés»</p>

Tabela 4: O papel do inglês na investigação.

O uso da língua inglesa é dado por assumido na ciência, como afirmam os investigadores nas suas declarações (Tabela 5), frisando que o uso da língua inglesa na ciência se deve à importância da publicação, em particular das publicações com índice de impacto que são todas em inglês.

PT 1	«nesta altura pelo menos na minha área quando nós publicamos tem que ser para termos um curriculum mais ou menos temos que publicar em revistas indexadas ou revistas que tenham um fator de impacto considerável e estas coisas todas e então estas revistas são todas na língua inglesa»
PT 3	«É até porque quase todos querem publicar então é mais fácil e mais rápido escreverem logo em inglês porque depois tentam então submeter o artigo logo a seguir não é preciso depois estar a traduzir tudo assim simplificam o trabalho»
IT	«Per cui sì la capacità di di di interagire di lavorare in inglese quella è proprio essenziale / non ultimo il fatto che sì tutti gli articoli vengono scritti in inglese»
ES	«La gente que yo conozco con los que trabajamos en inglés porque si tú quieres tener una una calidad o publicar en un sitio para tener un índex tiene que ser en inglés porque los <i>papers</i> españoles no están no hay casi»
GR	«la mayor razón que no produzco ni en griego ni en portugués ni en español es que toda la producción científica que cuenta en nivel en nivel internacional es la producción de los buenos los artículos con índice de impacto y esto es cien por ciento en inglés»

Tabela 5: O inglês e os índices de impacto de publicação.

Como o definiu Tonkin (2011, p. 7), este processo seria um «self-reinforcing loop of language flow» em que «English circulates widely, is indexed and hence is cited; English is cited and hence is indexed and hence circulates widely». De facto, fatores externos como o sistema de avaliação da investigação e a pressão em publicar em revistas com uma alta classificação levam a uma inglesização da investigação (Lanvers / Hultgren, 2018, p.151). Isto tem um impacto quer nos investigadores anglófonos, que não precisam de aprender uma segunda língua para se envolver na comunicação científica internacional (enquanto todos os outros o fazem) e que, como consequência, não conseguem tomar conhecimento de publicações noutros idiomas além do inglês (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630; Hamel, 2007, pp. 65-66; Toknin, 2011, p. 10; Frath,

2016, p. 4), quer nos investigadores não anglófonos que têm assim mais dificuldades linguísticas passivas (na leitura e na compreensão oral) e ativas (na escrita e na fala) do que os falantes nativos (Kheimets / Epstein, p. 2002, p. 630). Isto reflete-se num maior investimento na aprendizagem da língua inglesa e custos adicionais de produção de textos linguisticamente adequados por parte dos falantes não nativos (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630).

Sendo o uso da língua inglesa um dado tomado como assumido na produção científica, perguntou-se então aos entrevistados qual foi a sua formação em inglês e todos revelaram ter aprendido o inglês até ao ensino secundário, à exceção de PT1 que tirou também alguns cursos de inglês por conta própria «por causa da universidade», não existindo cursos específicos de inglês científico na universidade, como sublinha PT2. Como observável na Tabela 6, os entrevistados também revelaram ter continuado a sua aprendizagem da língua inglesa de uma forma mais autónoma e menos oficial durante a sua formação e a sua carreira universitária.

PT 1	«Por causa da Universidade fiz alguns cursos tentei aprender (...) tinha muitas dificuldades no inglês então tive alguma formação paga tive que investir tive que pagar tentar melhorar mesmo assim ainda tenho lacunas (ri-se)»
PT 2	«no colégio aprendi desde cedo depois aqui o inglês técnico claro que é diferente escrever um artigo é muito diferente de falar inglês» «geralmente quem vai não aqui na universidade só há o português para estrangeiros mas devia haver devia haver para melhorar o inglês»
IT	«ho imparato a parlare ho iniziato a parlare inglese quando ho fatto ho finito l'università a Torino poi sono andato ho fatto il dottorato in Inghilterra»
GR	«no hice más clases en inglés pero como en el doctorado siempre estás con ingleses entonces hablas siempre con ingleses y mi profesor mi director de tesis era inglés siempre me corregía y (?) las correcciones y aprendes a escribir mejor»

Tabela 6: A formação na língua inglesa dos entrevistados.

Foi então perguntado se alguma vez tiveram dificuldades em inglês e quase todos admitiram ter tido algumas dificuldades, sobretudo nos primeiros anos em que começaram a fazer investigação (Tabela 7).

PT 1	<p>«Claro claro [tive problemas] principalmente no início principalmente no início agora já estamos mais habituados já vamos repetindo já habituámos à forma de escrita que é uma forma de escrita diferente da pronto dos livros dos livros normais não é? É é é uma escrita mais científica então agora já é mais fácil mas mesmo assim ainda tenho dificuldades claro não é a nossa língua nativa»</p> <p>«Porque na escrita acaba por por ser mais fácil depois nos congressos que a gente tem que apresentar em inglês»</p>
PT 2	<p>«Sim quando comecei a escrever inglês mais técnico quer dizer os termos técnicos vai-se aprendendo com a leitura não é? Porque depois escrever um artigo primeiro temos que ler muitos portanto vai-se aprendendo mas nunca tive assim dificuldades»</p>
ES	<p>PT 3 «pode sempre ser melhor não é? Não é como ser um <i>native speaker</i> (ri-se)»</p> <p>«Es que se aprende porque o sea tú puedes saber inglés básico pero escribir un <i>paper</i> que son 28 páginas o 30 al principio es como un empiezo es difícil es el idioma más en un idioma que no que no controles pero entonces al principio era una mierda pero pero se aprende de leer leer leer muchos <i>papers</i> e aprende-se y al finales son formas formas de escribir mas escribir literatura no sería capaz en inglés pero pero un <i>paper</i> es más fácil (:) después de leer muchos <i>papers</i> ya coges el el estilo»</p>
GR	<p>«sí al principio tenía problemas más problemas porque / también es verdad que traducciones literarias entre griego e inglés no funcionan entonces sí cuando estuve en Inglaterra al principio haciendo el master me costaba me costaba más en el trabajo pero poco a poco / que las frases que normalmente utilizas o las expresiones más fijas aprendes (?) es un poco más mecánico hacer un trabajo y sí siempre me olvido cosas y siempre inglés es una lengua muy técnica muchas preposiciones y <i>frasal verbs</i> entonces estos siempre tienes que no estás seguro si es correcto y siempre tienes te olvidas pero»</p>

Tabela 7: Dificuldades na língua inglesa.

A maioria dos investigadores entrevistados (PT1, PT2, PT3, ES e GR) afirmou que escrever um artigo é um processo diferente em comparação com a escrita aprendida durante o ensino, tratando-se de uma forma de escrita científica, com particulares expressões, estilos e termos técnicos. As formas de aprendizagem indicadas nas suas respostas foram a leitura de outros artigos científicos e a prática da escrita, a que se habitua, acabando por se tornar mais fácil com o tempo. PT1 admitiu ter mais dificuldades nos congressos, em que, devido à situação de stress, acha mais difícil encontrar o vocabulário certo. Enfim, duas investigadoras (PT1 e PT3) frisaram o facto de a língua inglesa

não ser a sua língua materna e por isso, quanto ao seu uso, uma diz ter ainda algumas dificuldades e outra diz que pode sempre ser melhor.

Um conceito que os entrevistados quiseram frisar foi a necessidade de a língua inglesa se tornar quase numa «língua materna» (Tabela 8). É interessante notar aqui que este assunto surgiu espontaneamente das reflexões que os entrevistados fizeram, em que disseram que no contexto profissional o inglês acaba por se tornar numa «língua materna». Para alguns isto é o efeito do uso habitual, para outros trata-se de uma capacidade que qualquer investigador tem de ter para desenvolver o próprio trabalho.

PT 1	«Não é a dificuldade que acho que toda a gente tem pelo facto de estar a escrever numa língua que não é a sua que tem muita acaba chega a uma altura que parece que já é»
PT 2	«na minha área eu nem escrevo nada em português mesmo quando são coisas que eu poderia escrever em português (...) sai logo em inglês nem nem penso e os artigos nunca escrevi nada em português tudo em inglês» «Não é na parte da escrita é que quer dizer é sai automaticamente já não não penso vou escrever uma coisa de trabalho escrevo em inglês já não não penso»
IT	«non è soltanto come dire non si tratta soltanto di di parlare [in inglese] ma secondo me devi sì non avere proprio difficoltà dev'essere veramente come se fosse un po' la tua madre lingua» «Però a livello lavorativo secondo me deve diventare la tua lingua deve perché se no non fai il lavoro»

Tabela 8: A língua inglesa quase como uma língua materna.

O uso quase exclusivo do inglês, que vimos confirmado nas entrevistas até agora apresentadas, tem levado alguns a preferirem o uso da língua inglesa no âmbito profissional (Tabela 9). Neste sentido, dois investigadores (PT3 e IT) admitiram ter mais dificuldades em falar do seu trabalho na própria L1 – português ou italiano – do que em inglês. Outra investigadora (PT2) admitiu que a parte da tese de doutoramento que lhe deu mais trabalho foi o resumo alargado em português, pois todo o resto da tese estava em inglês e teve que o traduzir para português, parecendo-lhe que não ficava bem e não soava bem. PT3 justificou esta dificuldade por causa da maior parte dos termos serem em inglês e de difícil tradução e PT2 disse que os termos em inglês e a maneira de escrever que lhes está associada já estão interiorizados.

PT 2	«eu lembro que tive tive muita dificuldade quando na minha tese de doutoramento que foi tudo em inglês porque era com artigos e então a tese era em inglês então tinha que fazer um resumo alargado em português (...) e deu-me imenso trabalho imenso porque era uma coisa que já estava em inglês e e estar a passar traduzir diretamente para português não não soava bem não não não ficava bem e lembro-me que isso deu-me muito trabalho acho que foi a parte pior da minha tese foi esse resumo alargado em português porque aquilo não porque já já está o inglês está tão interiorizado os termos a maneira de escrever as coisas depois estar a escrever em português foi deu trabalho deu trabalho»
PT 3	«Sim [escreve diretamente em inglês] é mais fácil acaba por ser porque também como lemos quase tudo em inglês mesmo eu às vezes tenho mais dificuldades quando tenho que apresentar trabalhos científicos em português porque a maior parte dos termos são em inglês então traduzir aquilo nem sempre é fácil»
IT	«Se dovessi parlare del mio lavoro anche in italiano avrei difficoltà»

Tabela 9: Dificuldades na produção científica na própria L1.

Segundo alguns autores (Kheimets / Epstein, 2002, p. 630; Tonkin, 2011, p. 4), a preponderância do inglês na ciência, não apenas reduz o uso de outras línguas, mas também afeta as outras línguas internamente: a modernização da terminologia ocorre principalmente por meio de empréstimos do inglês, que são empregados em vez de se usar os recursos linguísticos próprios das demais línguas. Uma vez que o inglês é declarado a única língua internacional para a ciência, todas as outras línguas não perdem apenas o estatuto internacional, mas perdem também a atratividade enquanto línguas da ciência, o que é chamado de *domain loss*, perda de domínio (Hamel, 2007). Contudo, segundo Phillipson (2009, p. 13), os domínios não são «perdidos» porque a noção de perda seria inadequada na medida em que obscurece a ação dos perdedores e dos vencedores e porque mais do que perdidos, os domínios são «desapropriados» da sua utilização por causa do aumento do uso de inglês, resultando na marginalização de outras línguas.

De facto, sobre os usos dos termos, uma coisa que quase todos os entrevistados notaram e realçaram foi a dificuldade que às vezes encontram em utilizar na própria L1 termos que são muito utilizados em inglês (Tabela 10).

PT 1	«às vezes até é o contrário já não conseguimos arranjar um termo para português de uma coisa que usamos muito em inglês por isso sim isso agora já não»
PT 2	«mesmo nós a falar português sobre o nosso trabalho há muitas palavras que dizemos em inglês porque / sei lá mas eu noto muito isso há muita coisa que estou a falar português mas depois utilizo palavras inglesas (...) o inglês já está tão presente que o português fica fica fica esquecido» «é mais fácil estarem em inglês do que estar a escrever as coisas em português a usar termos que nem sei como é que se traduzem ou que em português ficam estranhos»
IT	«Guarda, questa per esempio è la lista dei così più o meno degli acronimi che uso in questa documentazione e per esempio <i>visible infrared radiometer suite</i> eh non ci provi neanche (ri-se) non ti viene sì tante cose son proprio è chiaro che son sugli aspetti più scientifici l'inglese si è sostituito» «la terminologia si è affinata ma sì i termini tecnici alla fine per esempio l'area in cui lavoro è <i>remote sensing</i> sì è chiaro che in italiano lo traduci telerilevamento o in portoghese <i>detecção remota</i> eh però telerilevamento uno non so perché io lavoro sulla parte sull'oceano però se penso al telerilevamento mi viene in mente non mi viene in mente i satelliti con cui lavoro mi viene in mente qualcosa non so un monitoraggio dei campi (...) alla fine sì soprattutto si crea ecco questo sicuramente si crea un secondo vocabolario che per i termini tecnici è migliore nella lingua di lavoro che nella lingua madre»
ES	« <i>Y tuviste problemas de términos de traducir algunas palabras? No sé</i> » «Palabras sí de inglés a español» «¿Al revés?» «Sí sí porque hay términos que solo existen en inglés no hay la palabra en español»

Tabela 10: Dificuldades em utilizar termos científicos na própria L1.

Uma motivação admitida para o uso de termos ingleses dentro da comunicação oral ou de produções escritas noutras línguas, neste caso em português, italiano ou espanhol, é o facto de todos conhecerem os termos ingleses. Outra razão que foi dada para se utilizar termos em inglês foi o facto de ser «mais fácil», por um lado porque os investigadores afirmaram que dizer o mesmo conceito em português «é mais complicado». Além disso, os investigadores (PT2 e IT) afirmaram que o mesmo termo técnico traduzido de inglês para português «soa mal» ou «fica estranho» ou em italiano faz pensar noutro

âmbito. PT2 diz, neste sentido, que «o português fica esquecido» e IT diz que o inglês substitui as demais línguas nos aspetos científicos e que se vem a criar um segundo vocabulário para os termos técnicos que na língua de trabalho é melhor do que na própria língua.

Os conhecimentos linguísticos dos investigadores são utilizados em algumas ocasiões no âmbito profissional, como pode ver-se nas suas afirmações reportadas na Tabela 11.

PT 1	«O francês eu noto mais por exemplo em congressos onde há um congresso em França ou um congresso onde haja muitos franceses é muito mais fácil falar com essas pessoas em francês do que em inglês então acaba por haver mais proximidade com grupos franceses se falar na língua deles»
PT 3	«Se for preciso sim mas não não não é o mais comum não há assim muitos artigos / um ou outro em francês mas em espanhol porque às vezes ah também já li também já tive que ler a parte de legislação em espanhol mas dá para perceber isso eu consigo compreender sim»
GR	«más que puedo leer en español lo que puedo decir es si buscas algo en internet no una producción científica pero una diapositiva o una información sobre una zona sí en esos casos puedo leer algo en si algo lo encuentro en español lo leo y me ayuda pero como producción científica científica como artículos es más en inglés» «las cosas que normalmente reviso cosas en español pero el trabajo de unos alumnos pero lo reviso en español y hago correcciones en español pero yo como primero autor no no escribo en español no sé porque»

Tabela 11: Utilização dos conhecimentos linguísticos na investigação.

Por estas respostas pode ver-se que os conhecimentos linguísticos, além da língua inglesa, são utilizados, na maioria dos casos, de uma maneira informal ou passiva, assim como admite, por exemplo, GR: «pero yo como primero autor no no escribo en español no sé porque».

Será aqui mostrado um brevíssimo excerto de uma entrevista com o investigador italiano em que se conversava em relação a uma declaração sua em que afirma que não pensa nem sonha em inglês: «Cosa che io non riesco a fare è pensare in inglese perché alla fine quando parlo non devo tradurre ma per esempio non sogno in inglese / pensare in inglese sì se devo farlo lo faccio ma non mi viene spontaneo».

Foi-lhe então perguntado se a escrita em inglês é feita diretamente na língua inglesa e ele escreveu a sua resposta afirmativa no computador como experimento

para demonstrar que é efetivamente assim que acontece. Aqui em seguida é mostrada a transcrição do excerto onde EN é a entrevistadora e IT o entrevistado e o que ele escreveu no computador é aqui transcrito nos quadros.

EN: Ma prima hai detto che non pensi in inglese

IT: No

EN: Però nel momento in cui scrivi la frase viene direttamente in inglese?

IT: Eee

EN: O c'è un passaggio?

IT: I'd would say that is exactly as you described

I'd would say that is exactly as you described

EN: Direttamente?

IT: Sì

EN: Ok

I'd ~~would~~ say that is exactly as you described

IT: I'd would no I'd say

I'd say that is exactly as you described

Este breve excerto mostra como mesmo que se trate de um investigador que utiliza a língua inglesa no seu dia a dia profissional, as suas formas são híbridas. Notam-se, de facto, duas desvios das normas do inglês considerado correto, uma destas corrigida e apagada pelo mesmo investigador. Ele tinha escrito a repetição do condicional, na forma extensa *would*, em seguida apagada, e na forma contracta *'d*, e há também uma omissão do sujeito do verbo *is*, traço típico das línguas românicas como o italiano, ou, se considerarmos *that* como sujeito, não há marcadores de pontuação que o sinalizem. Neste caso resulta particularmente evidente um aspeto que já foi notado nas respostas do questionário, isto é, uma influência das L1 no inglês dos investigadores, que se torna assim um inglês híbrido que contem/mantem em si traços das várias identidades linguísticas dos seus utilizadores e, ao mesmo tempo, uma pouca consciência por sua parte sobre este fenómeno.

#### 4. Conclusões

Através dos dados recolhidos, pôde-se confirmar que os investigadores do universo estudado têm origens linguísticas e académicas variadas e mesmo os

investigadores locais têm tido períodos de mobilidade durante os seus estudos ou a sua investigação e têm conhecimentos linguísticos variados (Figura 1). Como sublinhado em Gekeler et al. (2013), tem-se tornado comum um investigador ter tido um percurso de estudos e uma carreira universitária multilingues. Nestes casos, as línguas aprendidas, as metodologias e os conhecimentos adquiridos não estão separados ou compartimentalizados, mas são, pelo contrário, parte de um processo integrado de aprendizagem que se pode refletir também na produção científica (Gekeler et al. 2013). Neste sentido, pode falar-se de competência multilingue dos investigadores, definida por Franceschini (2011, p. 351) como «at the same time a tool and a state and relates to the complex, flexible, integrative, and adaptable behaviour which multilingual individuals display», utilizada e desenvolvida durante os estudos e as carreiras académicas.

Porém, como vimos nos dados analisados (Figura 2 e Tabelas 9, 10 e 11), a vasta diversidade de repertórios linguísticos e culturais existentes é utilizada pelos investigadores apenas de uma forma passiva, pois a dominância do uso da língua inglesa na ciência neutraliza o uso de outras línguas, até da própria L1 ou da língua local. Como afirmado pelos investigadores deste estudo de caso (Tabelas 2, 3 e 4), e como discutido, por exemplo, em Mazak / Herbas-Donoso (2015, p. 698) «within the international academic community, English is the taken-for-granted language of science». O papel dominante do inglês coloca os falantes não-ingleses em desvantagem, considerando, ainda por cima, que o papel que desempenha atualmente a língua inglesa é um papel que se deve a uma construção social, sendo que «there is nothing inherently scientific about the predominance of English over the use of any other language» (Phillipson, 2009). Não é, portanto, uma condição “natural”, mas, pelo contrário, «it results from conscious choices made by the linguistically advantaged and by the lack of any coherent countervailing policy» (Tokin, 2011, p. 11). Um dos fatores principais da sempre maior hegemonia da língua inglesa na ciência é o impacto do índice de publicação de que falam também os inquiridos (Tabela 5). De facto, fatores externos como o sistema de avaliação da investigação e a pressão em publicar em revistas com uma alta classificação levam a uma inglesização («Englishization») da investigação (Lanvers / Hultgren 2018, p. 151). Villa (2013, p. 5) frisa a maneira como a predominância da língua inglesa nas revistas de maior prestígio representa um obstáculo à vitalidade das demais línguas como línguas científicas e um risco para a compreensão pública da ciência. Isto é confirmado pelos investigadores entrevistados (Tabelas 9 e 10), que admitem desconhecer termos científicos nas suas L1, afirmando que o inglês se substituiu neste âmbito e que até a própria L1 fica esquecida,

além de terem dificuldades em falar da própria investigação noutras línguas que não sejam o inglês, apesar dos seus amplos repertórios linguísticos. O potencial dos seus repertórios linguísticos seria amplo, mas acaba por se reduzir apenas ao uso da língua inglesa no que diz respeito à sua produção científica. Conforme as suas declarações (Tabela 11), o uso de práticas discursivas multilíngues e o uso dos seus repertórios linguísticos como recurso e como negociação de significados pode ser observado em situações menos formais, como a comunicação entre colegas, ou no ensino, através de práticas discursivas multilíngues durante as aulas.

O largo uso da língua inglesa no ensino superior não parece ser contrastado com políticas linguísticas adequadas e isto resulta particularmente evidente no facto de que os investigadores parecem desenvolver pouco a própria competência multilíngue, deixando amplo espaço à língua inglesa e utilizando pouco os seus próprios repertórios linguísticos. O que parece ser afetado é também a sua consciência metalinguística, definida como «the ability to focus on linguistic form and to switch focus between form and meaning» e a sua consciência crosslinguística, ou seja, a busca de similaridades entre as línguas conhecidas, definida como «the awareness (tacit and explicit) of the interaction between the languages in a multilingual's mind» (Jessner, 2008). Estas duas consciências não parecem estar muito ativas e desenvolvidas, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento terminológico nas suas L1. Conforme as suas declarações nas entrevistas (Tabelas 4 e 10), isto parece ser pouco desenvolvido por duas razões: por um lado requer um esforço que parece feito em vão, pois não parecem existir correspondências terminológicas satisfatórias; por outro lado, os investigadores dão por assumido que todo o mundo percebe a língua inglesa e que não há necessidade de uma tradução para outras línguas.

Se é verdade que a língua inglesa mantém um papel dominante na ciência, também é verdade que, como vimos neste estudo de caso, o inglês dos investigadores é um inglês que se afasta da norma padrão. Alguns deles afirmaram que o inglês tem de se tornar um pouco na língua materna a nível profissional (Tabela 8), mas em muitos casos notam-se traços das suas línguas maternas ou doutras línguas conhecidas. É neste sentido que os repertórios linguísticos dos investigadores parecem agir diretamente no processo de hibridização da língua inglesa como língua da ciência, deixando vestígios das próprias identidades linguísticas e culturais. Como visto através de algumas declarações, isto parece acontecer numa forma não consciente, no sentido em que os investigadores parecem ter a opinião de ter um bom nível de inglês devido ao seu uso prolongado. O conjunto destes dois fatores, por um lado os

desvios da norma padrão e os traços das suas línguas, e por outro lado, a opinião de alguns deles em terem confiança no uso do seu próprio inglês, leva a considerar os investigadores, numa forma geral, como *language rule modifiers* ou *makers* (Santipolo, 2016) que são caracterizados por aquela inconsciência de que já tinha falado Bathkin (1975).

É assim que para concluir, pode argumentar-se que o inglês da comunidade científica pode ser considerado híbrido, e que como forma híbrida ocupa um terceiro espaço em que «cultural meanings and identities always contain the traces of other meanings and identities» (Ashcroft et al. 2001, p. 61) e em que as identidades multilingues dos investigadores reemergem do papel dominante da língua inglesa na ciência.

### Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, G. (1987). *Borderlands La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: Aunt lute Book Comparay.
- ARTEAGA, A. (1997). *Chicano Poetics: Heterotexts and Hybridities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ASHCROFT, B. / GRIFFITHS, G. / TIFFIN, H. (2001). *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge.
- BAKHTIN, M. (1981). *The Dialogic Imagination. Four Essays* (M. Holquist, Ed.; M. Holquist & C. Emerson, Trans.). Austin: University of Texas Press.
- (2002). *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance* (Quinta edição). São Paulo: Editora Hucitec Annablume.
- BHABHA, H. K. (1994). *The Location of Culture*, London: Routledge.
- CANAGARAJAH, S. (2007). Lingua Franca English, Multilingual Communities, and Language Acquisition. *The Modern Language Journal*, 91, 923-939.
- FRANCESCHINI, R. (2011). Multilingualism and Multicompetence: A Conceptual View. *The Modern Language Journal*, 95, III, 344-355.
- FRATH, P. (2016). Langues, connaissances et internationalisation des universités. *Assises européennes du plurilinguisme*, Coord. Christian Tremblay, Bruxelles, 18-19 mai 2016. URL: <http://www.observatoireplurilinguisme.eu/>.
- GAZZOLA, M. / GRIN, F. / VAILLANCOURT, F. (2016). Evaluating Language Policy and Planning: An Introduction to the Economic Approach. *Real - Arbeitsbericht*, 15(4).
- GEKELER, P. / MANGER, S. / MEYER, S. / URANK, D. (2013). Plurilingualism, multilingualism and internationalisation in the European Higher Education

- Area: Challenges and perspectives at a Swiss University. *Language Learning in Higher Education*, 2 (2), 405-425.
- GRADDOL, D. (1999). The decline of the native speaker. *English in a Changing World*, 13(AILA Review), 57-68.
- HAMEL, R. E. (2007). The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science. *AILA Review*, 20, 53-71.
- JESSNER, U. (2008). A DST Model of Multilingualism and the Role of Metalinguistic Awareness. *The Modern Language Journal*, 92(2), 270-283.
- JOSIAH, U. E. (2014). Linguistic Hybridity: An Experiment with Educated Nigerian Spoken English. *Review of Arts and Humanities*, 13(2), 157-184.
- KHEIMETS, N. G. / EPSTEIN, A. D. (2002). The dominance of English as a language of science: Effects on other languages and language communities. *Language in Society*, 31(4), 628-631.
- KLÖTZL, S. (2015). *A Love Affair with ELF: linguistic hybridity in ELF couple discourse*. Doctoral thesis. University of Wien.
- LANVERS, U. / HULTGREN, A. K. (2018). The Englishization of European education: Concluding remarks. *European Journal of Language Policy*, 147-152.
- MAZAK, C. / HERBAS-DONOSO, C. (2015). Translanguaging practices at a bilingual university: A case study of a science classroom. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 18(6), 698-714.
- PHILLIPSON, R. (2009). English in higher education: Panacea or pandemic? *Angles on the English-speaking world: English language policy, internationalization, and university teaching*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press.
- PLANKEN, B. (2005). Managing rapport in lingua franca sales negotiations: A comparison of professional and aspiring negotiators. *English for Specific Purposes*, 24, 381-400.
- SANTIPOLO (2016). L'inglese nella scuola italiana. La questione negata della varietà-modello. *Le lingue in Italia, le lingue in Europa: dove siamo, dove andiamo*. Venezia: Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 177-191.
- STENZEL, K. / KHOO, V. (2016). Linguistic Hybridity: A Case Study in the Kotiria Community. *Critical Multilingualism Studies* 4(2), 75-110.
- TONKIN, H. (2011). Language and the Ingenuity Gap in Science. *Critical Inquiry. Language Studies* 8(1). 105-116.
- VAZ, V. (2017). Bakhtin e o Pós-colonialismo: a questão do hibridismo. *RUS* (São Paulo), 8(9), 88-119.
- VILLA, M. L. (2013). *L'inglese non basta. Una lingua per la società*. Milano: Bruno Mondadori.

YOUNG, R.J.C. (1995). *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge.

TÍTULO: Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar o hibridismo linguístico no âmbito da investigação no ensino superior. Com o aumento da mobilidade no ensino superior, a investigação tornou-se sempre mais multilingue. De facto, hoje em dia, é muito comum um investigador ter tido um percurso de estudos e uma carreira universitária multilingues. A produção científica torna-se, assim, híbrida, moldada por diferentes tipos de aprendizagem, adquiridos em diferentes contextos e em línguas diferentes. Além disso, o uso sempre mais alargado do inglês como língua da produção científica internacional faz com que surja uma espécie de multilinguismo, em que a língua inglesa detém na maior parte dos casos um papel hegemónico em comparação com a língua local. O artigo visa apresentar um estudo de caso desenvolvido na Universidade do Algarve, em Portugal, centrando-se no CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, um centro de investigação internacional, onde os investigadores têm diferentes origens linguísticas e académicas. Através da submissão de um questionário aos investigadores do centro e de entrevistas individuais, este estudo pretende aprofundar a forma como o multilinguismo se reflete na produção científica e visa analisar se esta pode ser concebida como uma forma de hibridismo, tentando identificar quais os efeitos da dominância do inglês na investigação.

TITLE: Linguistic hybridity in scientific production: a case study in a research centre at the University of Algarve

ABSTRACT: This paper aims at investigating linguistic hybridity in research in Higher Education. With the increase of mobility in Higher Education, research is becoming more and more multilingual. In fact, it has become quite common for a researcher to have done a multilingual course of studies and a multilingual university career. The scientific production becomes, then, hybrid, shaped by different kind of learning, learnt in different contexts and in different languages. Furthermore, the more and more widespread use of English as the language medium of the global scientific production leads to a kind of multilingualism, in which English holds in most of the case a hegemonic role in comparison with the local language. Therefore, this paper presents a case study led at the Universidade do Algarve, in Portugal, and it focuses on the CIMA – Centro de Investigação Marinha e Ambiental, an international research centre where researchers come from different linguistic and academic backgrounds. Through the submission of a questionnaire given to the researches and through individual interviews, this study tries to analyse how multilingualism is reflected in the scientific production and to debate whether this scientific production can be conceived as a form of hybridity, identifying which are the effects of the dominance of English on research.